



Presépios mostram criatividade e religiosidade do povo mineiro

Página 03



Versões do cenário do nascimento de Jesus, como a criada por Ailton Batista, da Gerência de Patrimônio Imaterial do Iepha, destacam-se como manifestação da cultura popular



PEQUENOS OLHARES
SOBRE O PATRIMÔNIO

Você conhece?



Confira na página 08

Entrevista: Leonardo Castriota fala sobre sua visão de patrimônio e a importância dos conselhos municipais

Páginas 06 e 07

Praças de BH são mais conhecidas por 'apelidos' dados pelos moradores

Página 09

Impresso Especial

7397091256-DR/MG
IEPHA/MG

...CORREIOS...



Palavra do Presidente

fernando.cabral@iepha.mg.gov.br

Chegou o natal com as suas celebrações, o espírito de solidariedade, os reencontros, sua magia... Isso tudo nos remete à reflexão, nos leva a fazer o balanço do que conquistamos (ou não) no ano que se finda. Muitas vezes, temos pouco a comemorar, porém, também nos enchemos de esperanças para as novas perspectivas de mudanças e metas para o ano que também se aproxima.

Um dos contos de Natal mais conhecidos de todos os tempos, de Charles Dickens, escrito em 1843, relata a estranha noite em que um homem recebe as visitas sucessivas de três espíritos natalinos, que lhe convidam a repensar toda a sua vida: o que ocorreu no passado, seu presente e o futuro que aspira. Dickens aborda essa prática com uma generosa dose de licença poética, que o permite lançar mão de gigantes, correntes e sobrevoos nos céus de Londres. Contudo, em nossas vidas, esse exercício é muito mais simples e é feito por todos nós, todos os anos, quase que instintivamente.

Toda a simbologia, a introspecção e a confraternização do Natal, a apenas uma semana do Ano Novo, e as infinitas possibilidades que ele nos traz são mesmo uma provocação para olharmos para trás, revermos nossos passos, questionarmos o caminho e ajustarmos a rota daquele ponto em diante.

Desejo então, que este momento seja bem aproveitado. Que cada um tenha capacidade de olhar bem a fundo para sua vida e para tudo que está construindo ou pretende construir. Que os pensamentos alcancem até a forma como vem se relacionando com o outro – colegas, pais, filhos e irmãos ou quem mais vier. Que esse momento ímpar, seja de rever projetos pessoais e profissionais. Pesar o quanto está satisfeito ou se ainda pode fazer mais e melhor

Além disso, desejo que, neste mês de dezembro, sobre algum tempo para sonhar o futuro, porque, sem devaneios secretos, por algumas vezes insanos, o Ano Novo já nasce sem graça.

Nos 40 anos de Iepha, muitos natais já foram vividos, mas ainda há muitos a serem celebrados nos próximos 40 ou 80 anos. Cabe a cada um de nós fazer com que esta longa caminhada seja efetivamente de preservação e de promoção do patrimônio mineiro.

Fernando Viana Cabral
Presidente

Peça Desaparecida

A imagem de Nossa Senhora da Assunção pertence à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção da Lapa, no distrito de Ravena, Sabará. Com cerca de 1,20m, a peça havia sido restaurada em setembro de 1981 e, poucos meses depois, foi furtada.



Divulgação

Informações pelo telefone (31) 3235-2800 ou pelo faleconosco no site do Iepha/MG.

Expediente

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Governador: Antônio Augusto Anastasia
Vice-governador: Alberto Pinto Coelho

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

Secretária: Eliane Parreiras
Secretária adjunta: Maria Olívia de Castro e Oliveira

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS

Presidente: Fernando Viana Cabral
Vice-presidente: Pedrosvaldo Caram Santos
Chefe de Gabinete: Danielle Faria
Diretor de Conservação e Restauração: Renato César J. de Souza
Diretor de Planejamento, Gestão e Finanças: Dirceu Alves Jacome Júnior
Diretora de Proteção e Memória: Angela Maria Ferreira
Diretora de Promoção: Marília Palhares Machado

BEM INFORMADO – INFORMATIVO DO IEPHA/MG

Textos e edição: Beatriz Teixeira de Salles (MG 03802JP)
Textos: Érika Santos (MG 012987JP), Ludymila Toledo (MG 11656JP)
Diagramação: Pablo do Prado Soares
Fotos: Izabel Chumbinho
Impressão em papel Reciclado 90g/m³ - Tiragem: 2.600 exemplares - Periodicidade: mensal
Impressão e acabamento: Rona Editora



CULTURA

Praça da Liberdade, s/nº – 4º andar | CEP: 30140-010 Belo Horizonte – MG
Tel: 31 3235.2800 | Fax: 31 3235.2858 | www.iepha.mg.gov.br
Envie sua sugestão para: jornal@iepha.mg.gov.br

Presépios mineiros dão mostra de devoção e criatividade

Um dos mais tradicionais símbolos do Natal e da fé cristã, o cenário do nascimento de Jesus é recriado há séculos em todo o mundo. Acredita-se que o costume de construir presépios teve início provavelmente no ano de 1223, com São Francisco de Assis. No Brasil, mais do que objetos de devoção e fé, os presépios constituem importante manifestação da cultura popular. Em Minas, a montagem de presépios e a organização de exposições e circuitos de visita são mostra da criatividade, religiosidade, união familiar e hospitalidade do povo mineiro.



Arquivo FAOP

Concurso Nacional de Presépios – Ouro Preto

Há 43 anos, a Fundação de Artes de Ouro Preto (FAOP) promove o Concurso Nacional de Presépios com o objetivo de valorizar a tradição cultural-religiosa e estimular a criação contemporânea sobre o tema. Com inscrições abertas a todo o país, as obras são avaliadas por júri artístico e votação popular. Ponto alto do concurso é o período em que os trabalhos ficam expostos ao público, mostrando a diversidade de estilos, o talento e a criatividade dos artistas e artesãos

^ Presépio do artista paranaense Arnaldo Marques Dornelas, integrou a mostra do concurso da FAOP, em 2008.



Arquivo Pessall | 2010

Circuito de Presépios – Santa Luzia

De geração para geração, a tradição dos presépios em Santa Luzia sobrevive e se fortalece a cada Natal. Todos os anos, dezenas de famílias preparam cenários cada vez mais trabalhados e abrem suas casas à visita, integrando um grande circuito de

^ Presépio montado pela moradora de Santa Luzia, Tininha Gabrich

exposições. De montagens grandiosas a releituras com materiais inovadores ou peças muito antigas, cada família mantém um estilo próprio, o que enriquece o roteiro coordenado pela Prefeitura. O guia de endereços das casas inscritas este ano está disponível no Solar da Baronesa, na Rua Direita, 408, Centro.



Presépio do Pipiripau – Belo Horizonte

O Pipiripau nasceu em 1906, quando Raimundo Machado, na época com 12 anos, colocou um pequeno Menino Jesus em uma caixa de sapatos forrada de musgos e cabelos de milho. Nos 80 anos que se seguiram, o artesão se

dedicou a criar um universo de fé e encantamento, cada vez maior e mais mágico. O Presépio do Pipiripau, em Belo Horizonte, hoje é composto por cenas móveis que narram a trajetória do nascimento, vida, morte e ressurreição de Cristo, costurada ao cotidiano de uma cidade, com sua variedade de artes e ofícios. São 586 figuras móveis em 45 cenas, ocupando uma área de 20 m² no Museu de História Natural da UFMG – para onde, em 1976, o criador doou o trabalho. O Presépio foi tombado pelo patrimônio histórico nacional em 1984.



Divulgação

Presépio Natural Mãos de Deus – Grão Mogol

Uma cidade do Norte de Minas este ano se tornou palco do maior presépio natural a céu aberto do mundo. Em Grão Mogol, a representação do nascimento de Jesus ganhou figuras em

tamanho real, esculpidas em cimento e resina, espalhadas em um grande terreno aberto. Em seu primeiro Natal, o Presépio Natural Mãos de Deus conta com 17 imagens, de até 2,5 metros, colocadas em uma encosta rochosa que, por si só, compõe o cenário perfeito para maravilhar os visitantes.



Arquivo Arquidiocese de Belo Horizonte

Exposição de Presépios – Santuário Nossa Senhora da Piedade

O Santuário que abriga a Padroeira de Minas este ano tem programação especial de Natal, com uma exposição de 56 presépios, vindos do interior do

estado, além de Pernambuco, Argentina e Bolívia. Todos os trabalhos foram doados à Arquidiocese de Belo Horizonte e poderão ser vistos até o dia 8 de janeiro, no Santuário de Nossa Senhora da Piedade, em Caeté.

Seminário debate acessibilidade e patrimônio



Realizada paralelamente ao seminário, a feira *Tour Acessível* (fotos 1 e 3) reuniu equipamentos, materiais, programas e simulações de situações de acessibilidade. O Iepha foi representado no evento pelas falas do diretor de Conservação e Restauração, Renato César de Souza (2) e do vice-presidente Pedrosvaldo Santos (4), e pela participação da diretora de Promoção, Marília Palhares, envolvida na elaboração da Carta de Minas

Soluções de acessibilidade ao patrimônio cultural e turístico de Minas Gerais pautaram as discussões durante a realização do *Seminário Internacional de Acessibilidade ao Turismo com Foco no Patrimônio*, realizado em Belo Horizonte entre os dias 22 e 24 de novembro. O encontro, promovido pelo Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Minas Gerais (Crea/MG), integrou uma programação especial preparada para a Semana Internacional do Direito de Ir e Vir. Outros eventos paralelos realizados pela instituição também debateram a questão da acessibilidade nos transportes e na realização da Copa no Brasil em 2014.

O encontro foi aberto oficialmente pelo arquiteto Flávio Carsalade, com a palestra magna, *Acessibilidade e Patrimônio Cultural: o antigo presente*, abordando a função social do patrimônio. Por meio de uma série de fotos e exemplos de acessibilidade ao patrimônio em diversos países do mundo, ele demonstrou como a conversa entre o antigo e o moderno pode ser harmônica, sem que se precise esconder ou disfarçar os novos elementos. Pelo contrário, as inserções podem ser muito melhor integradas se forem evidenciadas. Para o arquiteto, um bem histórico não deve ser pensado como algo imutável ou congelado, e transformações podem ser muito bem-vindas, principalmente quando garantem o acesso ao bem.

O diretor de Conservação e Restauração do Iepha, Renato César de Souza participou do evento como palestrante, com o tema *IEPHA: uma proposta para Regular a Acessibilidade ao Patrimônio Cultural*. O arquiteto abriu sua fala lembrando que, historicamente, a dificuldade em oferecer acessibilidade foi sempre uma constante. Retomou o exemplo de Aleijadinho que, para trabalhar, precisava ser carregado pelas ladeiras mineiras. “De uma forma ou de outra, soluções sempre existiram para o acesso. O que está em questão hoje é um desafio muito mais ligado à inovação e à tecnologia a serviço da inclusão”, explicou.

Para ele, quando o assunto é patrimônio, um possível impasse entre o que é esteticamente agressivo e o socialmente necessário deve ser apaziguado por soluções criativas e funcionais de design, assim como tem ocorrido em diversos países do mundo. “Aqui mesmo, em Minas, temos tantos exemplos de iniciativas deste tipo já pensando o patrimônio acessível. No Iepha, recebemos projetos para análise que tratam desta preocupação, como a proposta de acessibilidade para a Igreja Matriz de Chapada do Norte. São projetos voltados tanto para regiões com forte apelo turístico quanto para comunidades muito simples, que se põem a pensar como receber o indivíduo com algum tipo de limitação ou dificuldade. Até porque, em um momento ou outro de nossas vidas, todos nós podemos precisar de algum tipo de facilitação no acesso a locais comuns de nossas rotinas”.

| Mesas redondas

Outro destaque no Seminário foi a realização de mesas redondas temáticas, numa interlocução entre análises teóricas e o estudo de casos diversos. O debate *Acessibilidade ao Patrimônio: Espanha e Brasil*, por exemplo, proporcionou uma rica troca de experiências entre os países. Graziella Trovato, pesquisadora do Projeto Patrac, da Universidade Politécnica de Madri, destacou a necessidade de definição de diretrizes para as soluções de acessibilidade para o patrimônio cultural e apresentou, dentre as propostas do Patrac, a elaboração de um catálogo de ferramentas de acessibilidade para difundir melhores práticas e soluções.

Do lado brasileiro, partindo de uma experiência que se tornou referência nacional na conciliação de acessibilidade e preservação do patrimônio histórico, a responsável pela elaboração do Projeto de Olinda, Ângela Carneiro da Cunha, destacou o avanço do Brasil no tema sob a perspectiva legal e os entraves que ainda existem na prática. O superintendente do Iphan em Minas, Leonardo Barreto de Oliveira, lembrou também da necessidade de se capacitar o corpo técnico dos órgãos ligados à proteção do patrimônio e da insuficiência de verbas destinadas à gestão do patrimônio para investimentos em acessibilidade.

Outra mesa redonda teve como foco a Copa do Mundo de 2014. O arquiteto José Antônio Lanchoti falou sobre acessibilidade sob várias óticas: a do dia-a-dia, no patrimônio histórico, e na Copa de 2014. Lanchoti fez parte de uma equipe que viajou pelas 12 cidades sede visitando hotéis, restaurantes e pontos turísticos, com o objetivo de elaborar o *Guia Muito Especial de Turismo Acessível - Cidades sede da Copa 2014*. Já Ricardo Barra apresentou o projeto do complexo Mineirão/Mineirinho e toda a estrutura de acessibilidade preparada para a Copa em BH.

Em seguida, uma mesa redonda sobre Soluções de Acessibilidade teve a participação de representantes da UFMG, Iphan, Crea-Minas, Infraero, além da Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico, da Procuradoria Regional dos Direitos Humanos e da Promotoria de Justiça de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência e Idosos, dentre outros. O Iepha foi representado pelo engenheiro-arquiteto Pedrovaldo Caram Santos, vice-presidente do Instituto.

| Carta de Minas

Ao final do evento, foi elaborado e debatido um documento, reunindo uma série de observações feitas pelos participantes ao longo dos três dias de encontro, além de recomendações a se atentar e, claro, propostas práticas e soluções diversas para o setor. Dentre os destaques desta *Carta de Minas*, estão a recomendação de que a acessibilidade não seja entendida apenas como a superação de barreiras físicas, mas também de comunicação, para a prestação de serviços, para o trabalho e para o lazer e a proposição de desenvolvimento de um manual sobre acessibilidade para cada campo que a mesma impacta, em especial turismo e lazer.

Para a diretora de Promoção do Iepha, Marília Palhares Machado, o seminário foi de grande importância e deveria, inclusive, dar início imediato a um fórum permanente com entidades relacionadas ao tema para a busca constante por soluções, diretrizes e legislações consistentes para o setor, conforme proposto na Carta de Minas. Marília destaca que o momento foi de aproximação das áreas de acessibilidade e de patrimônio; teoricamente incompatíveis, uma vez que cada uma delas faz certas exigências que a outra não consegue atender, dificultando uma proposição consensual. "É um tema complexo, já que as legislações são muito rigorosas. Então é uma questão de sensibilizar as partes e ver onde cada uma pode ceder. O patrimônio tem que ser fruído. Temos que proteger, mas também que dar acesso a todos".

Revitalização em Ouro Preto é exemplo



Foto: Nemo Viana - Ascom/MP - Divulgação

Está em reta final o trabalho de revitalização da Rua São José, em Ouro Preto, um bom exemplo do diálogo entre acessibilidade, utilização e patrimônio em Minas. Em plena área tombada, o alargamento de calçadas, dentre outras mudanças, foram aprovados pelo Iphan e pelos Ministérios Públicos Estadual e Federal, que não viram na obra risco relevante de descaracterização do centro histórico. No local, também estão sendo realizadas obras de implantação da nova rede de abastecimento de água e coletora de esgoto pelo Serviço Municipal de Água e Esgoto.

A experiência de Ouro Preto mostra que é possível promover, nas cidades protegidas, uma gestão pública que harmonize as normas de preservação e conservação do patrimônio cultural com o desenvolvimento e as necessárias melhorias na qualidade de vida dos cidadãos, promovendo acessibilidade, conforto e segurança sem descaracterizar ou alterar a identidade histórica do local. O reconhecimento do trabalho desenvolvido pela atual administração municipal, por meio da Secretaria de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano, ganhou ainda mais força com a conquista do prêmio nacional Rodrigo Melo Franco de Andrade (concedido pelo Iphan), na categoria Preservação de Bens Imóveis com o projeto *Ouro Preto: um novo modelo de gestão de cidades históricas*.

Arquiteto defende que leis urbanas bem feitas



Arquiteto urbanista, com doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais e pós-doutorado junto ao *Getty Conservation Institute* (GCI), em Los Angeles, e a *Universidad Politécnica de Madrid*, Leonardo Barci Castriota, em entrevista ao **Bem Informado**, fala sobre os projetos que está desenvolvendo atualmente – a restauração da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana e o piloto do Plano de Recuperação da Paisagem Cultural do Serro.

Ele também comenta a pesquisa que originou seu livro *Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos*, considerado em 2010 uma das publicações mais importantes da área. Fala ainda sobre a revitalização da Praça da Estação, em Belo Horizonte, além de ressaltar a importância dos conselhos municipais de patrimônio e pontuar sobre sua participação como membro do Conselho Estadual do Patrimônio Cultural (Conep).

O senhor é professor da Escola de Arquitetura da UFMG, quais atividades está desenvolvendo no momento?

Acabamos de organizar o *2º Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação*, no qual reunimos pesquisadores de toda América Latina, da Espanha e de Portugal, num fórum em que se discutiu a rica relação entre o patrimônio documental e a história da Arquitetura. Nesse momento, estamos empenhados, no âmbito do nosso Mestrado Interdisciplinar em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, em deslanchar uma grande discussão nacional sobre a questão da interdisciplinaridade, num encontro que acontecerá no Rio de Janeiro, em setembro de 2012.

Além disso, estamos desenvolvendo dois projetos importantes na área do patrimônio. De um lado, estamos realizando o projeto de restauro da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana, a Câmara Municipal mais antiga em funcionamento do país. Por outro lado, estamos articulando um convênio com o Iphan para implantarmos um projeto-piloto do Plano de Recuperação da Paisagem Cultural do Serro (MG), que desenvolvemos no Programa Monumenta. A ideia é recuperar um quintal do núcleo histórico, usando as técnicas agrícolas tradicionais, para, com este primeiro exemplo, iniciarmos a recuperação da sua paisagem urbana.

O seu livro *Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos* foi escolhido pela VII Bienal Ibero-Americana de Arquitetura e Urbanismo (Biau), em 2010, como uma das publicações mais importantes da área nos últimos três anos. Como foi feita a sua pesquisa?

Esse livro foi resultado de 15 anos de trabalho na área do patrimônio e teve o patrocínio da Unesco. A ideia foi produzir um livro-referência na área, no qual não só se apresentassem os principais conceitos do campo do patrimônio, mas também se discutissem as políticas de preservação e os instrumentos hoje utilizados. Ele parece ter atingido esse objetivo, sendo hoje utilizado como material didático em disciplinas ligadas ao patrimônio nos mais diferentes cursos universitários.

Dentro da perspectiva atual de revitalização do patrimônio, quais os cuidados que se devem ter ao se dar novos usos aos bens tombados?

Todos sabemos que é o uso que garante a conservação dos bens culturais e sua inserção na dinâmica da vida. No entanto, é necessário estarmos muito atentos também às especificidades de cada bem tombado, de cada edifício, respeitando os seus limites e potencialidades. Uma reconversão deve passar, necessariamente, pela restauração desses bens, pelo reconhecimento, nas palavras de Cesare Brandi, das suas instâncias histórica e estética.

O senhor foi um dos primeiros a defender a revitalização da Praça da Estação, em Belo Horizonte. Após a revitalização do espaço, com a instalação do Museu de Artes e Ofícios, a ocupação de espaços pelo Iphan, qual a sua avaliação?

A sociedade civil de Belo Horizonte tem lutado há décadas pela Praça da Estação, tendo o IAB-MG desempenhado um papel central. Dá muita satisfação ver como hoje se tem conseguido reverter o abandono e o descaso com aquele espaço central tão importante. Nos últimos anos, não só a praça foi recuperada, mas muitos equipamentos culturais têm se instalado na região. Podemos citar o Museu de Artes e Ofícios, a ocupação e recuperação de espaços pelo Iphan, mas também várias iniciativas particulares, como o 104 Tecidos e a batalha de MCs, que já se tornou uma referência na região. A mistura de públicos na Praça da Estação tem feito dela um dos lugares mais ricos e democráticos da cidade de Belo Horizonte hoje.

Como o senhor avalia as atuais políticas de proteção?

Vivemos um momento muito rico – e também ambíguo – na trajetória das políticas de preservação. Por um lado, vemos uma ampliação significativa do debate na área do patrimônio, com a incorporação de temáticas como a da paisagem cultural e do patrimônio imaterial. Por outro lado, vemos também uma crescente mercantilização da memória e do patrimônio, que têm se tornado atributos vendáveis dos lugares e das paisagens.

...s protegem o patrimônio



Divulgação

Como garantir a preservação do patrimônio de forma integrada ao desenvolvimento urbano?

Vemos hoje também uma importante aproximação entre as políticas de preservação e as políticas urbanas e de planejamento territorial, que se dá principalmente na incorporação de mecanismos de conservação urbana nos Planos Diretores e nas Leis de Uso e Ocupação do Solo. Eu costumo dizer que leis urbanas bem feitas tendem a proteger mais o patrimônio do que tombamentos isolados, pois colocam os bens culturais num contexto, podendo significar a preservação um melhor caminho para o desenvolvimento das diferentes áreas.

A preservação do patrimônio é de responsabilidade do governo, da comunidade e da iniciativa privada. Em sua opinião, qual o papel de cada uma dessas esferas?

Vivemos um momento em que estão sendo redefinidas as competências e os âmbitos de ação de cada um dos agentes no campo do patrimônio. De um modo mais geral, no entanto, poderíamos dizer que ao Estado cabem as funções normativas da ação sobre o patrimônio: criar os instrumentos, coordenar a ação dos diversos agentes, entre outros. À comunidade também cabe atuar como agente ativo, pautando os agentes públicos em relação às suas demandas reais e simbólicas, tanto diretamente quanto por meio de seus representantes nos conselhos do patrimônio. Já à iniciativa privada, cabe ter uma visão mais ampla do assunto, percebendo como, com a preservação, se abrem nichos de oportunidade e possibilidades de atuação.

Qual a importância dos conselhos municipais de patrimônio em um estado com a extensão de Minas Gerais?

Minas Gerais apresenta hoje uma experiência única em nosso país, conseguindo que grande parte de seus municípios implantem políticas de patrimônio. E os grandes agentes dessa política vão ser exatamente os conselhos municipais de patrimônio, que reúnem representantes dos órgãos públicos e da sociedade civil. Se ainda temos muito a avançar, a simples existência desses conselhos já significa que temos hoje fóruns de discussão e implementação de políticas para o patrimônio em todas as regiões do Estado.

Durante sua gestão à frente da Diretoria de Patrimônio da Fundação Municipal de Cultura, foram realizados os inventários de diversos bairros de Belo Horizonte. Como o senhor avalia esse trabalho e a sua importância para a cidade?

Como diretor de Patrimônio de Belo Horizonte, demos ênfase à política de inventários, que nos parecia um instrumento central para se conhecer e planejar a ação sobre o imenso acervo cultural do município. Para isso, criamos um sistema que denominamos Inventário do Patrimônio Urbano e Cultural de Belo Horizonte (IPUC-BH), que fazia inventários urbanos dos bairros da cidade, sempre reunindo em suas equipes arquitetos, historiadores e cientistas sociais. Eram produzidos detalhes diagnósticos urbanos das regiões estudadas, permitindo-nos propor ações de preservação adequadas a cada uma das realidades locais.

O senhor fez parte do primeiro grupo de conselheiros do Conep, representando o IAB. Como avalia sua participação?

Nesses dois primeiros anos de funcionamento do Conep, discutiram-se questões fundamentais, principalmente aquelas ligadas à municipalização do patrimônio em nosso Estado. Como representante do IAB-MG, procurei pautar sempre a discussão da integração entre a preservação do patrimônio e as políticas urbanas, tópico em que ainda temos muito que avançar.



PEQUENOS OLHARES SOBRE O PATRIMÔNIO

| Casa de Arthur Bernardes – Viçosa

O detalhe desta edição está na entrada principal da Casa de Arthur Bernardes, em Viçosa – onde viveu o 12º presidente brasileiro. É a partir deste portão que uma imponente escadaria, de lance único, conduz o visitante ao interior de um bem preservado exemplar da arquitetura eclética, predominante em Minas no início do século passado.

A edificação se destaca no conjunto urbano da Praça Silviano Brandão. Um detalhe curioso é que o imóvel foi construído entre 1922 e 1926, mesmo período em que o mais ilustre filho da cidade ocupava a presidência da República. Tombado pelo Iepha em 1989, o bem – que hoje pertence à Universidade Federal de Viçosa – mantém todo o mobiliário original. Desde 1996, abriga o Memorial Arthur Bernardes, reunindo vasto acervo referente à vida e obra do ex-presidente. Aberto à visitação, o local também abriga constantemente diversos eventos culturais.



BLOCO DE NOTAS

| Rio Acima

Entre os meses de outubro e novembro, a cidade de Rio Acima colheu frutos de um importante trabalho voltado para o resgate da sua história e suas personalidades. No dia 05 de novembro, a cidade se mobilizou para a reinauguração da Estação da Cultura, recém-restaurada, com inauguração de uma galeria de ex-prefeitos.

Anteriormente, no dia 22 de outubro, com apresentação de corais e da banda de música da cidade, foi aberta uma exposição de enormes banners, com fotos e biografias de diversas personalidades que fizeram parte de sua história. Do escritor ao músico, passando pelo barbeiro, o sapateiro e uma parteira, as mais diversas atividades foram representadas através de seus personagens.

| Restauração em Catas Altas é acompanhada pelo Iepha

Em Catas Altas, acaba de ser concluído o desmonte e transporte do forro da Capela de Santa Quitéria, que será restaurado por empresa especializada contratada pela prefeitura local. Também já tiveram início trabalhos de recuperação de elementos civis, em especial, a recuperação da cobertura e telhamento. Todo o trabalho de restauração dos elementos artísticos e arquitetônicos do bem conta com acompanhamento de profissionais do Iepha.

Situada no alto de uma colina – tendo a Serra do Caraça como imponente cenário de fundo –, a edificação do século 18 encontra-se no perímetro de tombamento estadual do Centro Histórico de Catas Altas, protegido pelo Iepha desde 1989.

| Errata

Na página 2 da edição nº 46 (novembro de 2011), registramos erroneamente como “Recuperada” a imagem de Nossa Senhora da Conceição, furtada em 1991 da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres, de Milho Verde (Serro). O título correto para a coluna seria “Peça Desaparecida”.



Divulgação Prefeitura de Rio Acima

▲ Inauguração da Estação da Cultura integrou a recente programação, em Rio Acima, de ações voltadas ao patrimônio

| Museu de Mariana é reconhecido pela Unesco

No último dia 02 de dezembro, o Programa Memória do Mundo, da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) concedeu ao Museu da Música, em Mariana, o Diploma do Registro Regional para a América Latina e o Caribe, em reconhecimento à importância de seu acervo de manuscritos. São mais de duas mil partituras originais de música sacra, mantidas sob constante trabalho de conservação e restauração especializada. Em maio, o mesmo reconhecimento já havia sido conquistado pelo acervo do Arquivo Público Mineiro, vinculado à Secretaria de Estado da Cultura.

População dá 'apelidos' a praças que fazem parte do seu cotidiano

Belo Horizonte, como outras tantas cidades, possui diversas praças. Algumas estão tão presentes nas vidas dos moradores que ficaram conhecidas por seus "apelidos". Há casos, inclusive, de pessoas que nem conhecem o nome original desses espaços. Neste mês, em que se comemora o aniversário da capital mineira, selecionamos alguns exemplos.



Carlos Aveilm

| Praça Israel Pinheiro

Localizada na região Centro Sul, ficou conhecida como Praça do Papa em 1980, quando o então Papa João Paulo II esteve em Belo Horizonte e lá foi montado um altar para que ele abençoasse a cidade. Um monumento foi erguido para celebrar a data. A

praça está próxima à base da Serra do Curral, a mais de 1100 metros de altitude, e por isso, tornou-se palco privilegiado para grandes encontros religiosos e shows musicais.

| Praça Carlos Chagas

Localizada na região central, é mais conhecida como Praça da Assembleia, por abrigar a Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Em seu centro está a Igreja Nossa Senhora de Fátima, cercada por jardins projetados por Burle Marx. Possui também ampla área equipada com playground e pista para caminhada.

| Praça Rio Branco

Na região central, ficou conhecida como Praça da Rodoviária desde a década de 1970, quando ali foi instalado o Terminal Rodoviário da cidade. Em 1982, foi instalado em seu centro o monumento Liberdade em Equilíbrio, da artista plástica Mary Vieira, onde formas geométricas são conjugadas compondo um único volume.



Reprodução Prefeitura de BH

| Praça Diogo de Vasconcelos

Na região Centro Sul, é popularmente conhecida como Praça da Savassi, porque na década de 1940 havia no local uma padaria e confeitaria muito famosa, que pertencia à Família Savassi. Seu nome original homenageia o político e historiador Diogo Luiz de Almeida Pereira de Vasconcellos, considerado um dos primeiros e mais importantes historiadores mineiros e avô de Sylvio de Vasconcellos, um dos pioneiros na defesa do patrimônio histórico e artístico, mineiro e nacional.



| Praça Rui Barbosa

Na região central, é mais conhecida como Praça da Estação, por estar localizada em frente ao prédio da antiga estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, hoje Museu de Artes e Ofícios (MAO). Foi a porta de entrada de toda a matéria-prima usada na construção da nova capital, no final do século 19. O primeiro relógio público da cidade foi instalado no alto da torre do primitivo prédio que abrigou a Estação Ferroviária. Fazem parte do conjunto arquitetônico da Praça da Estação a Serraria Sousa Pinto, os Viadutos de Santa Teresa e da Floresta e o MAO.

Praça da Liberdade iluminada para o Natal



Renato Calucci - Secom/MG

Tombada pelo Iepha em 1977 e pela Prefeitura de Belo Horizonte em 1991, a Praça da Liberdade, pela 13ª vez, recebe a tradicional decoração de Natal, feita pela Companhia Energética de Minas Gerais – Cemig.

No projeto deste ano, a temática da decoração retrata de forma lúdica a força da energia gerada e privilegia as três cores tradicionais do Natal: branco, verde e vermelho. A novidade fica por conta de um presépio montado em tamanho natural. Além disso, um Papai Noel com cinco metros de altura é destaque. Para a alameda central, 23 castiçais, com 5 metros cada, remetem ao mais antigo meio de iluminação, juntamente a um teto de microlâmpadas.

Exposição de peças sacras recuperadas na Rodoviária



Uma exposição inusitada conquistou a atenção de milhares de pessoas que passaram pela Rodoviária de Belo Horizonte entre 28 de outubro e 08 de dezembro. Iniciativa do Iepha/MG, em parceria com a Arquidiocese de BH e o Ministério Público Estadual – e com apoio da Prefeitura de BH, o Shopping Xavantes e a Plantão Serviços de Vigilância –, a 2ª Mostra de Arte Sacra

Recuperada trouxe aos olhos do público 53 peças dos séculos 19 e 20, apreendidas em decorrência de crimes contra o patrimônio. Todas elas estiveram guardadas em um galpão da Polícia Civil por mais de uma década.

O Terminal Rodoviário foi escolhido para abrigar a mostra por ser um local de grande circulação de pessoas que podem auxiliar na descoberta da procedência das imagens, crucifixos, castiçais, cálices, âmbulas e patenas, turíbulo e navetas, missais, custódias, livros, medalhas e outros, possibilitando que sejam devolvidos a seus locais de origem. Mais do que a identificação das peças, a mostra tem por principal objetivo levá-las à apreciação do público, reintegrando seu papel devocional.

Atualmente, o cadastro do Iepha lista 585 peças desaparecidas desde 1994. A expectativa é de que a mostra na Rodoviária possibilite o reconhecimento de alguma das peças expostas, aumentando o número de bens restituídos, que hoje somam 84.

Segundo a Coordenadoria das Promotorias de Justiça de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico (CPPC/MPE), caso alguma peça seja identificada, será feito um Termo de Compromisso entre o Ministério Público e a Paróquia, que receberá a peça assumindo a responsabilidade por sua conservação e pela adoção de medidas de prevenção contra roubos e furtos.

Técnica pioneira preserva o barroco

O conjunto de 12 profetas esculpido por Aleijadinho, que fazem parte do conjunto arquitetônico e paisagístico do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas, estão passando por uma intervenção com a mais moderna tecnologia. As peças estão sendo digitalizadas em 3D, pelo Grupo Imago, da Universidade do Paraná, que desenvolveu um sistema completo para reconstrução de objetos de acervos culturais.

Para digitalização de todo o conjunto, incluindo as peças em posições de difícil acesso, um robô industrial está sendo usado, cedido pela Comau, empresa do Grupo Fiat. O uso da tecnologia de automação permite maior precisão e acessibilidade no processo de captura das imagens dos profetas, maior rapidez no deslocamento do equipamento usado e, o mais importante, maior segurança para o monumento.

A digitalização em 3D dos profetas de Congonhas está sendo financiada pela Lei Rouanet por meio do projeto *Memorial Congonhas – Centro de Estudos da Pedra e do Barroco*. O projeto é uma iniciativa do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, implementado em conjunto com a Prefeitura Municipal de Congonhas e a UNESCO no Brasil.

A nova tecnologia de digitalização em 3D possibilitará a visualização dos profetas de Aleijadinho em meio digital, no Memorial Congonhas ou pela internet; o uso na preservação e restauro das obras; o monitoramento do estado de conservação das peças frente à ação do tempo; o estudo minucioso da obra e a compreensão das técnicas utilizadas pelo artista e, finalmente, a produção de réplicas com grande precisão, em casos de necessidade.



| Memorial

O Memorial Congonhas está localizado em uma área de 3.452,30 m², próxima ao conjunto arquitetônico e paisagístico do Santuário. Sua conclusão está prevista para junho de 2012. O espaço reunirá uma Exposição Permanente com informações sobre o conjunto arquitetônico e escultórico, em seus aspectos históricos, artísticos e religiosos; um Centro de Estudos da Pedra, que será como uma rede de articulação de instituições de pesquisa, ensino e extensão, para a difundir o conhecimento sobre as rochas, monitorar a integridade das esculturas do Santuário e aprimorar as técnicas de conservação e restauração; e um Centro de Referência do Barroco, que terá área de pesquisa e documentação e uma biblioteca especializada.

O conjunto foi tombado pelo Iphan em 1939 e reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Mundial em 1985.



BEM TOMBADO

Fazenda das Melancias – Água Comprida



Acervo Iepha

Contar a história da Fazenda das Melancias é contar a história da Família Junqueira, começando por Francisco Antônio Junqueira, desde sua migração para o Brasil, vindo de São Simão Junqueira, em Portugal.

Presume-se que a data de fundação da Fazenda das Melancias seja entre 1816 – quando a família se fixou no território da Fazenda Invernada, na atual cidade de Morro Agudo, no Norte de São Paulo – e 1842, quando o nome da nova moradia da família aparece citado em carta de Francisco Junqueira à sua filha Maria Clara.

Com a morte de Francisco, em 1848, a fazenda foi herdada por seu filho João Francisco Diniz, que se mudou para lá após o casamento com Francisca Eulália Teixeira. Político atuante em Uberaba, João Francisco foi agraciado pelo imperador com a patente de tenente-coronel em 1858, encarregando-se de arregimentar e organizar grupos de voluntários para a campanha, durante a Guerra do Paraguai.

Quando faleceu, em março de 1884, a Fazenda das Melancias passou para as mãos de seu quinto filho, José Américo Teixeira Junqueira, que incentivou a agricultura e pecuária, bem como a instalação de sistema telefônico e rede elétrica. Após a morte deste, em 1940, a propriedade passou a pertencer a seu genro, Pedro Ribeiro de Andrade, e, em 1961, foi herdada por seu filho Roberto Junqueira de Andrade. Atualmente, a fazenda pertence a Analtiva Silva Junqueira de Andrade.

Situada atualmente a 12 quilômetros do distrito-sede de Água Comprida, a fazenda teve sua área original reduzida – dos 16 mil alqueires iniciais restam apenas 600 –, em razão das sucessíveis partilhas entre membros da família e da venda a terceiros.

| Poder e autossuficiência

As atuais edificações que compõem o conjunto da Fazenda das Melancias, com destaque para a casa residencial, demonstram o poderio e autossuficiência que representou este complexo rural na região. O poder é representado pelas

“Fica, pois, tombado todo o complexo da fazenda, incluindo a casa da sede, a senzala, a casa de luz, o monjolo, a serraria, os currais e demais construções de serviços”.

dimensões, qualidades construtivas e técnicas da casa sede, enquanto a autossuficiência se expressa pelo conjunto de equipamentos de apoio, que oferecia aos moradores da fazenda plenas condições de sobrevivência autônoma.

O prédio principal, apesar de presumidamente ter sido construído entre 1816 e 1842, é típico das construções mineiras coloniais, com tipologia mais próxima dos sobrados urbanos. Apesar disso, não pode ser enquadrado como “típica construção rural mineira”, devido à ausência de alguns elementos que se tornaram característicos neste tipo de edificação, como a de varandas, tão comuns nas casas de fazendas mineiras. Entretanto, isso não a descaracteriza como equipamento rural, nem a enquadra como de tipologia urbana.

A construção atende perfeitamente à funcionalidade agrícola, o que é ressaltado pela distribuição de uso dos pavimentos e cômodos e pela elevação do pavimento nobre sobre o pavimento térreo de serviço, com tratamento rústico. O complexo da fazenda situa-se em terreno plano, a pouca distância das margens do Rio Grande. O piso do primeiro pavimento é em tábua-corrida, assim como o forro da maioria dos cômodos. A divisão dos cômodos reflete o tipo de vida social da época.

Por seu valor histórico e arquitetônico, a Fazenda das Melancias foi tombada pelo Iepha em 1989 e inscrita nos livros de Tombo de Belas Artes e no de Tombo Histórico.

| O município

O povoado de Água Comprida pertenceu, desde sua fundação, a Uberaba. Em 1948, foi elevado a distrito, a partir da doação de dois alqueires de terra, feita por uma fazendeira da região. O distrito, que em 1950 contava com 274 habitantes, foi elevado a município em dezembro de 1953.



Santa Parentela - uma rara iconografia no Brasil

Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, parentela significa "o conjunto dos parentes; parentada, parentalha", ou ainda, "série de gerações; linhagem, família, casta".

Nas representações mais comuns da Sagrada Família, o Menino Jesus aparece ladeado por seus pais: a Virgem Maria e São José. Ainda segundo Reáu, a Sagrada Família é um grupo trinitário onde estão representados Maria e o Menino Jesus, acompanhados ou de São José ou de Santana, formando a trindade terrestre (REÁU, 2000, p. 153).

Numa iconografia rara no Brasil, o grupo da Sagrada Família traz também São Joaquim e Santana – pais da Virgem Maria e avós de Jesus. Essa iconografia recebe o nome de Santa Parentela (Sagrada Parentela ou Sacra Parentela também são encontradas), principalmente em Portugal.

A iconografia apresenta um grupo familiar com Santana e Nossa Senhora, geralmente trazendo ao colo o Menino Jesus e, respectivamente, atrás destas ou ao lado, estão São Joaquim e São José. "Sempre que os pais da Virgem, Santa Ana e São Joaquim, estão representados, acompanhando a Virgem e o Menino, é freqüente utilizar a expressão Santa Parentela" (DUARTE, 2000, p. 83).

A partir do século XIV, aparece uma preocupação crescente dos fiéis em estabelecer a genealogia de Cristo, pois a família nuclear necessita de seus parentes. A humanização da figura de Jesus traz à tona diversas novas interpretações e temas iconográficos.

A origem do culto aos avós de Jesus não está presente nos evangelhos canônicos. Os textos que apontam para Ana e Joaquim são encontrados nos evangelhos apócrifos: *Proto Evangelho de Tiago* e *Evangelho de Pseudo Mateo*, onde Ana e Joaquim aparecem como progenitores, devido à concepção milagrosa de Maria.

Embora o termo Santa Parentela seja amplamente difundido em Portugal, diversas fontes apresentam diferentes representações para a denominação Santa Parentela. Dividimos aqui duas formas de interpretação para a designação:

- como uma ampliação dos grupos da Sagrada Família ou das Santas Mães;
- como uma redução do grupo que representa a descendência de Santana, também conhecida antigamente como A Linhagem da Senhora Santana.

Myriam Ribeiro cita a Santa Parentela como uma ampliação da Sagrada Família:

"... inclui-se no âmbito da nova iconografia estabelecida pela Contra-Reforma o reforço devocional aos personagens da Sagrada Família, separadamente ou em grupo. A princípio centradas apenas nos personagens da família nuclear (Jesus, Maria e José), essas representações acabaram anexando os progenitores da Virgem (Ana e Joaquim), definindo a tipologia conhecida como Sacra Parentela [...]" (GUTIERREZ, 2001, p. 12).

Já Louis Reáu indica que a terminologia "Sagrada Família ampliada" teria a adição de Santa Isabel e São João Batista, ao invés dos avós de Jesus. As representações das Santas Mães (*Santana Triple* em espanhol) – grupo em que figuram Nossa Senhora e Santana trazendo o Menino Jesus – são bastante difundidas desde o século XV em toda Europa e também, posteriormente, no Brasil colônia. A representação aqui descrita traz como grupo nuclear as Santas Mães ladeadas por São Joaquim e São José.



Cláudio Nadelin/CECOR-MG

^ Santa Parentela – século 18 (?)
Coleção Marcia Moura Castro

Na Espanha e no México as imagens que representam o núcleo familiar de Jesus, com seus pais e seus avós maternos recebem também a designação de *Los Cinco Señores*, devido ao número de integrantes do grupo.

Encontramos também com a denominação de Santa Parentela (*Holy Kinship, Holy Kindred, Sainte Parenté, Die Heilige Sippe, Santa Parentela, La Parentela de Maria*) um grupo bem mais extenso que deriva da legenda dos três casamentos de Santana presente desde o século XIII na Legenda Áurea e difundida no século XV com a visão da monja franciscana Santa Coleta. O tema torna-se bastante comum na Europa dos séculos XV e XVI, em fins da Idade Média, principalmente no Norte e nos Países Baixos.

O grupo expandido da linhagem de Santana tem às vezes 17 pessoas (três maridos de Santana, suas três filhas – as três Marias, seus três genros e sete netos), podendo alcançar o número de 23 membros familiares, como um verdadeiro retrato de família.

^ REFERÊNCIAS

- DUARTE, Alberto de Almeida Branco. Estudos sobre a Genealogia de Cristo na Arte Portuguesa. 2000. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Lusíada, Lisboa, 2000. p. 83-101.
- GUTIERREZ, Angela (org.). O Livro de Sant'Ana: coleção Angela Gutierrez. Belo Horizonte: Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2001.
- HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br>> .
- JUSTICIA, Maria José Martínez. La Simplificación del Árbol de Jesé y Otros Temas Genealógicos Marianos en La Escultura Granadina. Revista Virtual de la Fundación Universitaria Española. Cuadernos de Arte e Iconografía, Madrid, tomo II, n. 4, 1989.
- REÁU, Louis. Iconografía del Arte Cristiano. 2. ed. Traducción Daniel Alcoba. Madrid: Serbal, 2000. (Cultura Artística). Título original: Iconographie de l'Art Chrétien.
- VARAZZE, Jacopo de. Legenda Áurea: vidas de santos. Tradução de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia da Letras, 2006, 1040 p.
- VIANNA, Iêda Faria Hadad. Sant'Ana: culto e iconografia. Imagem Brasileira, Belo Horizonte, n. 3, p. 165-175, 2006.